

A(s) curva(s) na estrada

Sarah Costa Damasceno

01

[...] meu futuro parecia se estender diante de mim como uma estrada reta. E eu pensava que podia ver uma distância grande dessa estrada, muitos de seus marcos. Agora, surgiu uma curva nela. Não sei o que tem depois desta curva, mas vou crer que tem o que há de melhor (MONTGOMERY, 1908, p. 331).

O título do meu relato é uma adaptação do título do último capítulo (originalmente “A curva na estrada”) do romance Anne de Green Gables. A jovem Anne tinha seus planos bem delineados e, de repente, eventos inesperados e/ou fora de seu controle ocorreram e mudaram seu pré-definido curso. Tomo emprestada a ideia trabalhada pela autora para relatar, em pequenos retalhos, as desventuras que ocorreram durante minha trajetória formativa, especialmente um dos estágios, cuja estrada certamente se fez com curvas inimagináveis.

Primeira curva

Não queria ser professora. Pensando bem, até queria, mas era uma ideia adormecida desde a infância, sem intenção de voltar a habitar meu consciente. Por que entrar em uma licenciatura, então? Ora, entrei nas Ciências Biológicas, a licenciatura era só a modalidade que diziam ter mais concurso. Hoje a coisa já mudou mais de figura. Sobre isso:

CENA 1: “dessa água não beberei”

Recepção dos calouros, gestão do Centro Acadêmico na sala. Uma integrante, conversando com a turma, comenta sobre como, em um estágio de regência, foi positivamente surpreendida e passou a, naquele momento, querer muito a docência. Ela estava, inclusive, dando aulas na

Cadernos de Estágio Vol. 4 n.1 - 2022

época. Imediatamente, a caloura – eu – pensa, rindo consigo mesma: JAMAIS que uma coisa dessas acontecerá comigo.

Bom, de certa forma, não aconteceu mesmo. Isso porque já tinha mudado minha posição inicial antes mesmo de chegar aos estágios de regência. O caminho que pensava pra mim, antes de começar o curso, era aberto, mas com certeza não abarcava a possibilidade da docência, entre as várias existentes.

O que fez essa curva surgir? Muitas coisas. Acredito que uma das que me possibilitou virar essa chave foi ser apresentada, em uma disciplina do 4º semestre, a formas menos tradicionais de se trabalhar ciências em sala. Foi meu primeiro contato com isso enquanto professora em formação. Foi como se um mundo de possibilidades se abrisse em minha frente e ele está até hoje se expandindo. Pensar em conexões e formas diferentes de trabalhar ciências em sala — ou fora dela — é algo que almejo seguir construindo/descobrindo.



(Lennart Willenborg/Unsplash)

Em paralelo à referida disciplina, outras experiências me fizeram perceber que era até bem legal interagir com estudantes da educação básica. Sem perceber de imediato, já queria dar aulas, sabia que aquelas direcionadas à própria turma da graduação ajudavam-me a pensar como seriam as aulas na educação básica, mas não eram a mesma coisa. Eu — do então futuro, agora presente — confirmo: não são mesmo, diferença grande (em caixa alta).

Habituando-se a essa estrada caótica

Passaram-se os semestres e dois primeiros estágios. O segundo foi em um museu, espaço pouco trabalhado de forma obrigatória durante a formação inicial, mas tão cativante, versátil, integrador e cheio de potencialidades. Nele realmente pude ver e viver essa estrada reta. Pudemos — foi em grupo — imaginativamente viajar com estudantes visitantes, convidá-los a agir, pensar e refletir. Sempre me lembro desse estágio com alegria, literalmente não teve nenhum defeito. E depois disso, o que vem?

A pior das curvas

Olha, idealmente em meus planos viria o Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio — Estágio IV para os íntimos — e depois o III que é para o Ensino Fundamental). Na ocasião, me parecia uma ótima ideia fazê-los nessa ordem. Foi, de fato? Nunca saberei, o que ocorreu foi o seguinte:

CENA 2: mas nem se eu fosse muito imaginativa Semestre de 2020.1, penúltimo do curso caso ocorresse tudo conforme àquela estrada mais ou menos reta.

Matriculada no estágio IV e tendo aulas que provocavam boas inquietações, conversou ao telefone com a possível supervisora. Ficara sabendo que daria aulas ao terceiro ano. Torcea fortemente, em silêncio: “por favor, que não pegue genética, genética não!”. Antes fosse isso.

Corta para a semana seguinte: Planos temporariamente interrompidos. Tudo fecha. Pandemia.

Virtualmente, segue-se caminhando

Mais de um ano depois, ainda em contexto pandêmico, quando não fazia mais sentido adiar as últimas disciplinas, encontrei-me cursando os dois últimos estágios juntos, completamente remotos. Agora não é seguro fazer diferente. “Ralado” demais. Em quais sentidos, você pode me perguntar. Em quais sentidos não é?

Poderia passar páginas reclamando do estado atual das coisas, não é porque não está sob meu controle que deveria apenas procurar pelo lado positivo dessa curva. Contento-me com um parágrafo. O ensino remoto está sendo ruim para os professores, para os estudantes e para a estagiária, sem fazer competição de quem está pior. Até porque não sou eu, tenho notebook, celular, internet e espaço adequado para estudos, diferente de alguns alunos das turmas que lecionei. Doença potencialmente mortal, desgaste mental, governo genocida, desigualdade social, falta de recursos básicos, falta de concentração, adaptações, ausências, defasagem, pouco tempo, falta de interação, volta híbrida... Há quem tenha se adaptado bem, parabenizo. Não é meu caso. Aprendi algo? Ainda bem, e estou escrevendo sobre. Vou dizer que foi bom demais assim? Não. Ainda que não seja

culpa das partes envolvidas. Tentamos bastante.

Com todos os pesares, pude experientiar os estágios em dupla. Atenho-me aqui à experiência com o ensino médio. Vale um adendo nesse momento. Eu não queria dar aulas no ensino médio, profissionalmente falando. Aterrorizava-me a pressão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) se aproximando. Empolgava-me mais a possibilidade de apresentar as ciências aos mais novinhos, sem que tivesse uma grande preocupação de como tal assunto seria útil para o mencionado exame.

Meu vínculo se deu com uma escola da rede pública, virtualmente. Daria aula a duas turmas unidas (A e B) da segunda série enquanto minha dupla ficaria com as aulas que ocorriam imediatamente depois, as do terceiro ano. A escolha das turmas se deu pelo horário, mas foi um alívio não ter pego o chamado “terceirão”. Convenientemente minha dupla, que já trabalha dando aulas, inclusive em cursinhos, assumiu a turma. Pude observar e aprender em suas aulas algumas formas pelas quais é possível lecionar preparando para o ENEM sem abrir mão do que acredita ser importante ao ensinar-aprender ciências e biologia.

Esboçando uma trajetória

Dias e horários definidos após reunião com o supervisor, mãos à obra. Por onde começo? Buscando referências. Livros em perspectiva evolutiva e referências de outras ordens, talvez seja um começo.

Nós podemos tirar inspiração de muitos locais, inclusive da arte, que pode conversar com as ciências. Filme, série, livro, música. Parte do processo de ser professora, para mim,

perpassa por assumir uma postura de busca ativa e constante em referências novas ou coisas que você já gosta. Tendo, nesse processo, um olhar atento que procure possibilidades de interações, que podem servir para integrar às aulas, caso julgue que caiba, ou apenas para manter o pensamento ativo. Não é um tutorial, apenas um movimento que tento me habituar a fazer.

Mesmo sabendo disso e de outras coisas tive uma dificuldade terrível para planejar, foi um esforço sofrido. Não gostava de nada que fazia, mas fiz o melhor que consegui. Mas vou até onde? Posso gastar tantas aulas com cada assunto? Com alguma ajuda organizei as aulas de forma que fizesse sentido. Seriam 9, a princípio. Eu tinha pouca noção de tempo. Organizar o tempo foi certamente um dos grandes aprendizados desse estágio.

Parte dessa trajetória de ensino remoto emergencial é que por vezes os encontros, se podemos chamar assim, são assíncronos. Minha observação foi assim, dias de videoaulas para aumentar a emoção de ser apresentada ao vivo à turma já no dia que assumiria as aulas.

Coletânea de pequenas curvas

I - Susto - Primeiro dia com a turma em uma frase: “Tudo saindo conforme o não planejado”. Uma hora é tão pouco! Mas queria que essa apreensão tivesse sido o único susto do dia. Descobri que o Meet, a sala de aula virtual, tem um problema pessoal comigo. Nada apresentava. De jeito nenhum. O único recurso visual era minha cara de desespero. Pensa rápido! Eu criei um plano B instantaneamente? Até sim, iria abrir um jamboard. Mas o nervosismo foi tanto que mesmo dando certo eu fiquei paralisada e

não usei. Um ótimo primeiro dia!

Não foi ironia, de fato foi legal. Descobri naquele momento que a galera era muito gente boa e receptiva comigo. Participativa também! Essa surpresa foi boa, não estava esperando. Sem poder contar com uma leitura presencial de expressões faciais e corporais, qualquer microfone aberto e comentário no chat foi uma vitória comemorada. Infelizmente, não consegui nessa e nas aulas seguintes abrir tantos momentos de discussão. Temendo o “danado” do tempo. Um tradeoff delicado demais entre se debruçar mais sobre determinada nuance de um tema ou conseguir dar o panorama geral da coisa.

II - Respiro? - Inesperadamente (percebemos esse padrão aqui), minha estrada reta foi um dia trocada na véspera por uma curva: reunião sobre o retorno gradual ao chão da escola. Todos os protocolos sanitários foram reforçados na reunião, que acabou com bolo sendo servido. Brincadeira, já haviam comentado como o espaço não é suficiente para o distanciamento, mas instalaram pias nos corredores e escala de intervalo. O bolo foi verdade. De toda forma, foi uma experiência em reunião de professores — híbrida, vi de casa.

A volta gradual alcançaria minha turma em algumas semanas. Esperando que essa fase de retomada não resultasse em falta de ar para ninguém, pude respirar inquietamente esperando a semana seguinte para o segundo encontro com os jovenzinhos, que já têm referências que não entendo. A diferença de idade, que ainda nem é tão expressiva, bate.

Nas semanas que seguiram, ri de mim mesma atrapalhada em vários momentos. Tive tarefa respondida com “Ctrl+C/Ctrl+V” e o in-

túnio da conversa sobre isso ser interrompida para resolver afazeres que bateram à minha porta na exata hora errada. Coisas do remoto. Tive também o Meet desligando na minha cara uma vez.

Nesse tempo todo havia um limite de 1h das aulas em si e da plataforma mesmo. Dava o tempo e encerrava sem dó. Um dia, por acaso, não teve isso. Não sei quantificar quão grande foi minha surpresa quando a aula não encerrou e os alunos quiseram continuar comigo na chamada. Vimos vídeo e fizemos cruzadinha. Pouco depois voltei à realidade de que aquilo significava que minha dupla teria menos tempo na sua aula. Meu esquecimento causado pela alegria de tão bela curva foi perdoado, a pessoa faz suas aulas com uma folga de segurança.

III - Adaptações - Com a volta híbrida, a quantidade de alunos nas chamadas caiu, mas segundo meu supervisor não tinha tanta gente presencialmente também. Por causa disso, precisei adaptar o que pensara para as aulas já que alguns veriam com seu professor na escola e que os demais estariam vendo comigo, de casa. Planejamentos não são feitos para serem seguidos à risca. A flexibilidade faz parte das particularidades de cada turma, cada aula e também dos contratemplos fora delas, então tudo bem por mim. Estava lá para aprender e reinventar o que achava saber sobre docência. Falando nisso, no estágio entendi um pouco mais o quanto eles sabem e o quanto não sabem sobre alguns assuntos, e com que profundidade abordar.

Mais tarde, passei um questionário de feedback sobre as aulas e alguns falaram que o retorno presencial ajudou muito a focar e ou-

etros que não estavam acompanhando de casa por falta de internet. Recentemente, uma pessoa me procurou, para facilitar a comunicação com o professor, e relatou que está trabalhando e não consegue acompanhar as aulas tampouco trocar de turno em um ano letivo, até agora ao menos, parcialmente remoto. Nesses momentos, outros detalhes, como as adaptações de planejamento, ficam totalmente secundarizados.

Priorizar o conteúdo, sem ser uma metralhadora de informações, foi uma opção minha ao pensar que aquela era a chance — dos que podiam comparecer — de conhecer de forma orientada um pouco da diversidade vivente de nosso planeta. Minhas aulas viraram um condensado só, passando rapidinho por cada ponto. Ao menos ainda deu para Kahoot, vídeos (que travaram meu navegador na hora de começar a aula) e persistentes participações da galera via chat e áudio.

IV - Quase o que há de melhor - Para amarrar pontas soltas, preciso dizer que teve mais uma curva no estilo “por essa nem o futuro esperava”. Gostei demais, demais, demais de estar junto àquelas segundas séries. Não sei se faria disso minha primeira opção, mas hoje vejo com muito bons olhos a possibilidade de lecionar para turmas do ensino médio, caso seja possível. Nota para minha turma? Dó. É não, é nota 10 (ela é brincalhona assim mesmo)!

No último dia, para ficar com um gostinho do primeiro dia de novo, o Meet me sabotou, mas diferente da primeira viagem eu não me desesperei tanto, apesar de me entristecer. Foi um ícone que transmitiu os slides para a tur-

ma no meu lugar. Eu ia mostrar outras coisas, mas paciência. As ideias não executadas — em mais de um momento durante as 6 aulas que no começo seriam 9 — não foram tempo perdido e sim combustível para alimentar futuras ocasiões enquanto professora/pesquisadora. Tudo soma. É uma sensação muito ruim se despedir sem sequer ter visto ninguém, mas é o que temos. Me ensinaram e provocaram demais.

Horizontes

De forma rápida, diria que meus horizontes, no momento, aproximam-se da docência, no exercício da profissão e/ou em algumas possibilidades de prosseguimento formativo - o que é, ao escolher esse ofício, idealmente para o resto da vida. Não acredito nem um pouquinho que essa escolha de caminho seja vocacional. Do meu ponto de vista, não tenho vocação ou nasci para nada em específico, nem para ser bióloga, muito menos professora. O que tenho é uma somatória de escolhas, de experiências que me atravessam e marcam/marcaram de formas múltiplas e imbricadas, e também de oportunidades variadas e conhecimentos adquiridos com muito tempo, treino e esforço. Não há, nesse sentido, atalhos.

Estou, para seguir, me permitindo sonhar. Ainda assim, digo que é muito difícil ter perspectivas de futuro quando o chão vem continuamente sendo arrancado de debaixo de nossos pés. Em especial, desde as eleições de 2018, acentuando-se desde o começo da pandemia no Brasil. Há uma frequente sensação de queda livre da qual é quase impossível ver qualquer estrada que seja por onde trilhar e se deparar ou não com desvios. Só sei que tentar fazer algo

é melhor do que ser engolida pela falta de perspectivas.

Parte do que me dá forças é saber que existem pessoas e iniciativas que existem e resistem construindo uma educação conforme o que acredito que vale a pena. Outra parte são os próprios estudantes aos quais pude conduzir aulas, que me abraçaram com suas palavras de incentivo. Compartilho algumas aqui: “suas aula são muito divertidas, com certeza vai ser uma grande professora :)” ; “As aulas foram ótimas, infelizmente chegaram ao fim. Desejo uma ótima caminhada daqui para frente”; “Grato por compartilhar seus conhecimentos para nós alunos. Queria muito ainda te encontrar, e te agradecer. Foi uma honra ter você, por esse tempo.”; “Espero que vc continue sendo assim, atenciosa, e siga seus sonhos, não pare nunca”. Não sou ainda a professora que quero ser, mas tenho ciência de que estou próxima do melhor que posso ser agora conforme o que já caminhei. Assim, tentando me apoiar nessas potências, permito-me caminhar em direção ao fim desse ciclo e além. E...

[...] essa curva tem um fascínio próprio [...] Pergunto-me como é a estrada depois dela... o que há de glórias verdes e de ténues e acidentadas luzes e trevas... que paisagens novas... que belezas novas... e que curvas e ladeiras e vales há mais à frente.
(MONTGOMERY, 1908, p. 331)

Referência

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables.**
São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.